

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 10 g. J. J. J. Class.: 81X - Pov. Cultural
Data: 2/08/88 Pg.: 636



O cinema da emoção

■ 'KUARUP' NO XINGU - 5 ■

MIGUEL DE ALMEIDA

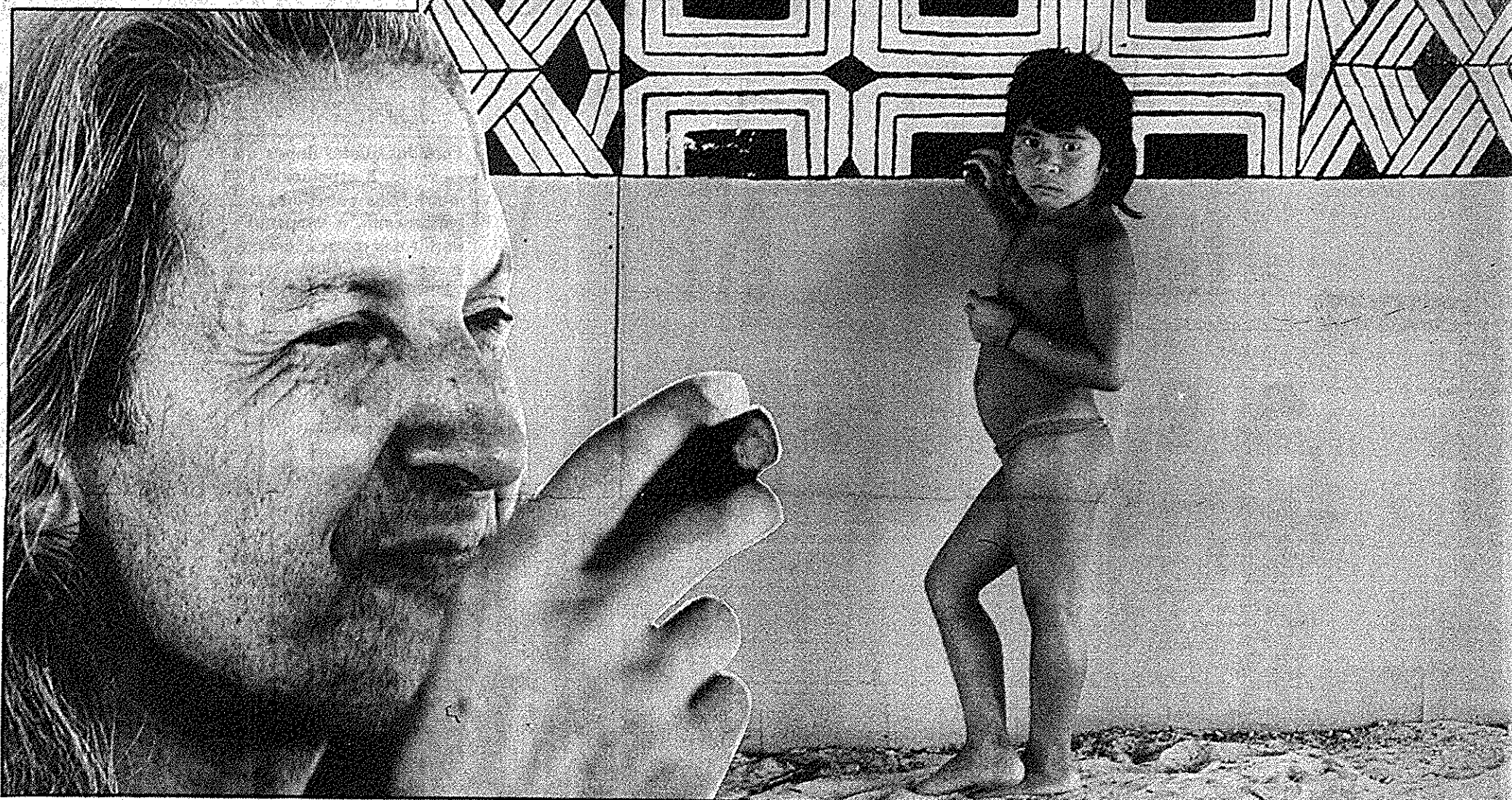
Guerra pela frente. Cabelos molhados, charuto na mão, bermudas, peito nu artístico. 56 anos, amanhã 57, com aparência de 55, o diretor de "Kuarup" há anos — desde 1974 — queria filmar o livro de Antônio Callado. Glauber Rocha esteve preso com o escritor, leu os originais e proclamou que aquela seria sua história. Não foi. Na hora, Guerra escolheu a epopéia do nazista-inocente Euclides da Cunha e seu "Os sertões". Trabalhou meses no roteiro com o peruano Mário Vargas Llosa e, na véspera do início da filmagem, teve a produção suspensa pela Paramount. O filme não saiu, só o livro de Llosa alcunhado em português de "A guerra do fim do mundo".

Agora, "Kuarup". O belo Antônio Callado publicou o livro — grafado "Quarup" — em 1967. Resultado de muitas viagens pioneiras à Amazônia, começando com o assassinato do explorador Fawcett, pela tribo Calopalo, de viagens por algumas guerras internacionais — bem, a história do Callado mistura ficção e realidade, episódios verídicos.

Em 1958, 30 anos atrás, portanto, houve uma expedição à procura do Centro Geográfico Brasileiro. Entre os expedicionários, o sertanista Orlando Villas-Boas. São contraditórias as informações dessa aventura picaresca, mas sabe-se que Callado não inventou muito ao colocar Boas em meio a uma operação de guerra à la Marx, o Groucho. Na história, o Centro é um imenso formigueiro. No caso verídico, soube-se que o Centro era horrível de feio — e terminou sendo demarcado alguns metros, 300, à esquerda. Brasil, Brasil.

A história de Callado envolve o Brasil a partir do suicídio de Getúlio. O personagem principal chama-se Nando e é um pobre padre atormentado pelo desejo do sexo. No painel do carro brasileiro, episódios como as ligas campesinas, a "saída" de Miguel Arraes do governo de Pernambuco, o engajamento da Igreja Católica em favor dos pobres (Teologia da Libertação) e muita luxúria seminal. O padre é um ser dividido entre a Cruz e a Espada, acredita que o comunismo roubou da Igreja a defesa dos desfavorecidos e sai brigando pela justiça social. É o padre de passeata de Nelson Rodrigues.

Serão mais de 20 semanas de filmagens, em volta do Xingu e de Recife. O orçamento prevê um gasto de US\$ 4 milhões. Envolve cerca de 200



Ruy Guerra diz que não dispensa a emoção quando está atrás da câmera e entrega-se às filmagens de 'Kuarup', em meio aos índios do Xingu

pessoas espalhadas entre Rio, Xingu e Pernambuco. Não fosse a ajuda da FAB, na figura do Correio Aéreo Brasileiro, a aventura xinguana teria se tornado areia. Foram eles que ajudaram na descoberta da selva, transportaram equipamentos, pousaram em pistas inóspitas. Operação de guerra turística.

Encostado na mesa do refeitório, Guerra conta seu filme. Diz ele não dispensar mais a emoção quando está atrás da câmera: afirma que o interessante na história é a vida de um homem apaixonante. "Me seduz pessoas que vão até o fundo do sonho", confessa.

Sonho é Xingu. Tucunares, onças, porco-selvagem. Faltam notícias, luzes, música elétrica. Guerra revela que imaginou a aventura bem mais tranquila, não tão difícil. Como bra-

sileiro, faz "Kuarup". Se fosse inglês, jura, faria "Jack, o Estripador". Aqui, nenhum juízo de valor. Só a paixão pelo sonho levado ao fundo, bem radical. A seus olhos, o político não é fazer um trabalho com Guevara como tema: às vezes, a vida de uma criança passando férias no Xingu pode soar ainda mais revolucionária. "O cinema é o espaço ideal para acontecer a emoção", resume e acende novo charuto. "O que me seduz neste filme é a possibilidade de exercer essas emoções".

A adrenalina anda solta no Kuarup. O ator Ewerton de Castro a experimentou de perto. Estava atrás de um caminhão, escondido para fotografar um amigo. Foi mordido por um urubu silvestre. Espantou o negro, que continuou impávido. Não teve dúvida: resolveu fotografá-lo. O bicho fugiu supersticioso, pensando

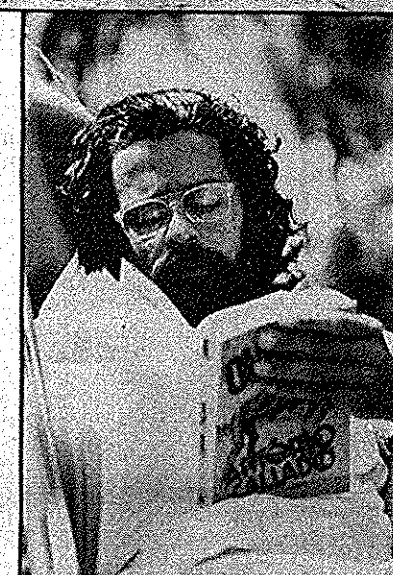
que a chapa lhe tomaria a alma, pretenso.

Duro é seguir esse raciocínio vindo a fila do refeitório. Cláudio Mamberti, avisado, entrou na pista levantando poeira, prato na mão. Há pouco, vi Taumaturgo lendo o livro "Quarup"; Fernanda lê Thomas Mann; Ruy Guerra olha seu microcomputador e Sapaim faz uma benzedeira nos olhos de Rachel. A dialética deu as mãos à metafísica no Xingu, Hegel.

Depois de "Kuarup", Guerra fará Canudos. Mas ficará em cima de Moreira César, aquele louco militar, ainda mais louco do que Conselheiro. O roteiro será entregue amanhã, dia do aniversário do diretor, meus parabéns. Guerra já fica imaginando como colocará os cadáveres pendurados às árvores, já destrocados pelos urubus (não o de Ewerton). Pen-

sa também no cheiro, no fétido dessa batalha inglória e messiânica — mas que dá num bom filme, sim. Ele coça o rosto e diz que ainda falta muito para terminar a operação xinguana. Um índio chega trazendo um jovem porco-selvagem. Alguém reclama que ele levou uma flechada no osso da pata direita. Responde, o autóctone: "Vamos curá-lo. Depois a gente come". Hum.

Amanhã é dia de partir. Fernandinha Torres diz estar morrendo de saudades da cidade, Tatá não diz nada, Ruy Guerra acende outro charuto. A aventura dura ainda algumas semanas. Roberto Bonfim passa atrás de um sanduíche, Mamberti idem. Tucunares estão adormecidos e penso como é bom retornar à tona.



■ CONTINUA AMANHÃ Taumaturgo lê o livro de Callado